

BOITATÁ 5: OUTROS HORIZONTES PARA OS ESTUDOS DA VOZ

Existem muitas crenças e especulações a respeito do número 5. São os primeiros livros da Bíblia conhecidos como Pentateuco ou a Torah, para os hebreus. A “quintessência” é o quinto elemento, resultado da fusão dos 4 básicos (terra, ar, água e fogo). São 5 os oceanos que mantêm os 5 continentes interconectados. 5 é a quantidade dos dedos de uma mão, responsáveis pelo gesto e por fazer vibrar os instrumentos musicais. Os nossos sentidos são 5: tato, audição, visão, olfato e paladar. E os principais sabores também: doce, salgado, azedo, amargo, agridoce. As linhas para a notação musical são 5. Este é o quinto número da *Boitatá*.

Para uma revista acadêmica especializada em oralidade, cultura popular e expressões poéticas da voz, o número 5 reflete uma trajetória de investigações bastante profícua, inerente não apenas à academia brasileira. A oralidade é tema de pesquisa em universidades nos cinco continentes.

Para os gnósticos, o 5 é o número da responsabilidade e, também, reflete mudanças, decorrentes de uma ação anterior. Neste número da *Boitatá*, introduzimos algumas mudanças gráficas, como a inserção de número e da referência da revista em cada página, no sentido de facilitar a citação em trabalhos acadêmicos. Outro aspecto é que a chamada de trabalhos agora é bilíngüe (inglês e português), com a intenção de atrair autores de universidades estrangeiras. Dada a quantidade de trabalhos em oralidade publicados em outras línguas (principalmente no inglês, espanhol e francês), torna-se mister construir uma rede de pesquisadores com objetos e objetivos em comum. Para tanto, a revista passa a se abrir também para contribuições em inglês, espanhol e francês.

O número 5 da *Boitatá* abre-se com o artigo “Senso Comum, Samba e Discurso Popular”, de Ricardo Azevedo. Valendo-se de teóricos como John Searle, Clifford Geertz,

Jack Goody, entre muitos outros, e citando uma vasta discografia, o autor propõe uma reflexão sobre o chamado “senso comum”, entendendo-o como “um insubstituível acervo do conhecimento humano”. Dessa forma, Azevedo busca em letras de samba vários exemplos para demonstrar como o saber popular, considerado senso comum, é construído e pode servir a diferentes contextos e inúmeras situações cotidianas. Para tanto, o artigo traz uma importante chave para se compreender a composição do samba, qual é seu contexto de produção e sua recepção.

Josebel Akel Fares traz uma contribuição para o entendimento da “cartografia amazônica”, ao trabalhar com as diferentes representações de viajantes que passaram pela região marajoara. Em seu artigo “Viagens e Cartografias em Paul Zumthor: (Re) Leituras”, a autora discute o pensamento do autor genebrino, principalmente no que diz respeito à formulação do conceito de “representação”, à luz de relatos de viagem. Para tanto, o conceito de representação funda-se num permanente diálogo entre o presente e o passado, ou seja, o que se enuncia sobre seres e coisas é decorrente de uma experiência acumulada e de um saber adquirido. Assim sendo, seres e coisas são representados mediante uma dialética entre a visão de mundo consolidada e o novo. Com base nisso, a autora faz uma análise de vários relatos americanos da modernidade em que a tônica passa a ser as diferentes visões sobre o mundo marajoara.

Em “Tesouros da Poesia Popular para Crianças e Jovens”, José Hélder Pinheiro Alves lança um olhar sobre o cordel e sua relação com a Literatura Infantil, com base num minucioso estudo a respeito da representação dos pássaros e outros bichos da fauna brasileira. Ao mesclar a recolha da poesia oral, principalmente de sextilhas, e a recepção dessas obras em escolas de Campina Grande, o autor chega à conclusão de que: “Onde houver uma experiência humana poderá estar se forjando uma construção simbólica de valor universal”. São as experiências do homem com a natureza e, sendo assim, desta relação em que o ser humano passa a viver o “outro” ou as “coisas” que a poesia oral vai fluir. Nas entrelinhas de sua conclusão, Alves sinaliza para a importante tarefa de rejeitar as dicotomias “erudito/escrito vs. popular/oral”.

“História, Literatura e Ditadura: o Caso João da Paz em *Incidente em Antares*” é um artigo assinado a quatro mãos por Daniela Freitas Torres e Elaine dos Santos. Nele, as autoras fazem uma reflexão a respeito das relações entre fato e ficção na obra de Erico

Veríssimo, a qual é um dos marcos da literatura fantástica no Brasil. Pautadas em autores como Paul Veyne, Antonio Candido, E. M. Foster, as autoras demonstram como Veríssimo vai dialogar com o contexto social de sua época, marcado, sobretudo pela ditadura militar brasileira. Trata-se de um trabalho em que o sentido da voz encontra-se representado no conceito bakhtiniano de “autor de praça pública”, ou seja, o narrador, como o aedo popular, é o sujeito que capta as tensões cotidianas e as processa literariamente por meio da técnica da escrita.

Numa vereda de paisagem semelhante mas que leva a outros caminhos, Susan A. de Oliveira faz uma reflexão a respeito da Guerra do Contestado e a representação da figura dos monges João Maria D’Agostini e João Maria de Jesus, no artigo intitulado “As vozes e a *Doxa*: os Relatos Oraís e a Biografia dos Monges do Contestado”. Tendo como ponto de partida o contraponto entre o relato oral da história dos monges, que ora se confundem numa única pessoa, com a história escrita, a autora trilha por caminhos que muitas vezes revelam a construção de uma identidade por meio da tradição oral. Para ela, o relato oral “expõe uma fratura entre a identidade uniforme e linear requisitada pelos arquivos da memória oficial e a identidade que surge nas fronteiras e desvios de histórias paralelas”. Dessa forma, o texto de Oliveira é uma análise muito sensível e atenta a esta fratura e revela a importância e o papel da oralidade na construção e atualização da História.

Felipe Grüne Ewald, em seu artigo “Manifestação Poética em Performances: Vocalidades, Corpo e Inscrições na Narrativa Popular Urbana”, apresenta a continuidade narrativa do bairro da Restinga, em Porto Alegre (RS). Oriundo de uma pesquisa de campo que buscou, entre outras coisas, coletar e analisar narrativas orais, o artigo de Ewald tangencia muitas das questões debatidas por teóricos da performance tanto no campo da Antropologia e História Oral como da Linguística e Literatura. Ao estudar um narrado ímpar da Restinga gaúcha, cujo apelido é Beleza, questões como vida e poesia, maneiras de se narrar e presença da voz, performatividade e vocalidade vão brotando em seu texto. Imbuído de um espírito zumthoriano, o autor conclui que voz, corpo, gestualidade, inscrições e imagens constituem uma unidade poética e que uma análise da narrativa oral precisa levar em conta estes elementos.

Este número conta ainda com a resenha de Edil Silva Costa, a respeito do livro *O Boi de Máscara: Festa, Trabalho e Memória na Cultura Popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará*, de autoria de José Guilherme dos Santos Fernandes.

Acreditamos que ao tratar de temas que abarcam as 5 regiões brasileiras, pois a voz é movente!, a *Boitatá* está cumprindo sua função que é colocar as poéticas da voz na berlinda dos Estudos Culturais.

St. Catharines (país dos 5 grandes lagos), mês 5 de 2008.

Frederico Fernandes
Coordenador do GT e Editor